TAMBÉM NA CÂMARA MUNICIPAL, NADA DE NOVO; O JOGUETE DOS CARGOS CONTINUA

Ex-candidato de Uberlândia é o novo diretor geral da casa. E não há nada demais nisso!

Por Flavio Sousa

Confesso leitor: não creio que a voz do povo – ou daqueles que se julgam porta-vozes da vontade popular – seja a voz de Deus. O Todo Poderoso não é tão burro. Torço o nariz sempre que as redes se agitam em nome de alguma "causa". Assim foi com a eleição da mesa diretora da Câmara Municipal. Não demorou muito para que as bandeiras da renovação e da mudança fossem fincadas no cume do Legislativo, declarando guerra ao baronato. Bonito, legitimo e importante para a história de Patos de Minas, mas ingênuo. Política é um grande circo, e o show não pode parar! É preciso ver nas Entrelinhas.

Um ex-candidato a vereador de Uberlândia é o novo diretor geral da Câmara Municipal. Hugo Leonardo Messias é advogado, e obteve 105 votos, pelo partido Democrata Cristão, nas eleições de novembro. A indicação partiu de João Marra (Patriota). Esse cargo foi moeda de troca pelo voto na chapa de Ezequiel Macedo (PP). Entretanto, não esperem que eu assuma uma postura bairrista. Seria uma imbecilidade. Fontes ouvidas na Casa afirmam que esta seria uma jogada do parlamentar para expandir contatos pela região, pensando na Câmara dos Deputados. Conversei com Marra nesta tarde (25). Ele confirmou que estuda a candidatura a deputado federal, mas disse que esse movimento em nada envolve a nomeação de Messias.

E o que há de errado nisso tudo? Nada! Entretanto, é mais uma porrada no discurso da tal nova política. Negociações existem e assim vão continuar. Como já escrevi antes, o poder é partilhado entre aliados. Marra, convém lembrar, recebeu quase seis mil votos, e não deve ser demonizado por fazer política! Embora tenha se atrapalhado, tentou. O aprendizado só vem com erros e acertos. E particularmente acho que ele foi jogado aos urubus de maneira covarde, mas esse é outro assunto.

O ponto chave nesta ladainha é o discurso. A chapa de Ezequiel vendeu a renovação (não se sabe exatamente qual) e convenceu! O que ninguém reparou é que não houve nenhum compromisso em mudar a estrutura do jogo político – ainda bem! E, sinceramente, as nomeações e cargos da Câmera não são, nem de longe, o principal problema do Legislativo. Falta política de verdade! A nova diretoria não contou com apoio das massas (embora isso não faça a menor diferença prática) por ter consigo um projeto robusto e digno para o município. Recebeu esse apoio pela renovação mesmo. E isso não diz nada. Talvez não seja nem o esbirro das vontades do povão. Só é bonitinho, gera engajamento e postagens legais nas redes. É vazio por si só.

Há quem possa argumentar que seria pior com Bartolomeu Ferreira (DEM) na presidência. Concordo! Entretanto, se a briga era pelo fim dos cargos, deu na mesma. As nomeações seguirão, como sempre. Outra argumentação igualmente estúpida: Falcão seria prejudicado com a eleição de uma chapa adversária. Ora, se o prefeito teme a oposição, que volte a ser dono de estacionamento! Na outra ponta, se Ezequiel transformar a Câmara em chancelaria, não merece presidir a Casa. Ah, e me recuso a falar de Amarildo Ferreira, porque estupidez tem limite. Notem: todas essas discussões são ocas! Nada acrescentam. Agitam pessoas, grupos e movimentos em torno de uma cortina de fumaça. As velhas questões seguem cobrando seu preço.

Adaptando Nietzsche, certos políticos turvam o discurso para que pareça profundo. E tem dado certo. Este é o resultado da desilusão. O perigoso é que, qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, pode passa incólume por essa ótica. Chesterton afirmou, certa vez, que quando as pessoas deixam de acreditar em Deus, acreditam em tudo. O mesmo se aplica à política: quando demonizada, as tranqueiras ganham espaço. E os discursos rasos passam despercebidos.

Portanto, mais uma vez, evoquemos o Eclesiastes: não há nada de novo debaixo do sol. E na política a banda toca como sempre. Os novos nomeados da Câmara não merecem e não precisam ser escrachados. Que os vereadores avaliem o trabalho deles e cobrem excelência. Ezequiel e seus pares também não precisam ser achincalhados, mas podem ser criticados por venderem a mãe e não entregar. E fica o recado: política se faz com articulação e partilha de poder. No entanto, ainda é possível cobrar do presidente uma reforma administrativa que torne as nomeações e indicações menos indignas.